

Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - LET
Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação - LEA-MSI

BIANCA ANDRADE LEITE DE MOURA

**NOS PASSOS DE MARIA APARECIDA BARBOSA: REFLEXÕES
EPISTEMOLÓGICAS SOBRE A TERMINOLOGIA E A ETNOTERMINOLOGIA
NA ATUALIDADE**

Brasília - DF
Julho de 2019

BIANCA ANDRADE LEITE DE MOURA

**NOS PASSOS DE MARIA APARECIDA BARBOSA: REFLEXÕES
EPISTEMOLÓGICAS SOBRE A TERMINOLOGIA E A ETNOTERMINOLOGIA
NA ATUALIDADE**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação pela Universidade de Brasília – UnB.

Orientador: Prof. Dr. Marcos de Campos Carneiro

Brasília - DF
Julho de 2019

Nome: Moura, Bianca Andrade Leite de

Título: Nos passos de Maria Aparecida Barbosa: reflexões epistemológicas sobre a Terminologia e a Enoterminologia na atualidade

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação pela Universidade de Brasília – UnB.

Data da defesa: 08/07/2019

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos de Campos Carneiro (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Alice Maria de Araújo Ferreira

Prof^a. Dr^a. Fernanda Alencar Pereira

RESUMO

O objetivo deste trabalho centra-se na delimitação do campo de investigação da Etnoterminologia, no quadro dos estudos terminológicos contemporâneos. Nesse sentido, nosso percurso encontra em Barbosa (1996, 2006, 2011) e, em Pais e Barbosa (2004) indícios da abordagem étnica da Terminologia. Sendo assim, são retratados caminhos da Terminologia, passando pela abordagem clássica de Wüster (1998), até chegarmos às abordagens descritivas de Cabré (1993), Gaudin (1993) e Diki-Kidiri (2008). Faremos, pois, uma comparação entre as abordagens terminológicas para situarmos a abordagem etnoterminológica, centrada na análise do léxico idiossincrático dos universos de discurso etnoliterários, a fim de trazer à tona um ponto de vista etnocultural à Terminologia. Para tanto, faz-se necessário conceituar os objetos de estudo da Terminologia, com foco nas designações conceituais de domínios técnico-científicos, para então fundamentarmos as unidades mínimas de significação dos universos de discurso etnoliterários, os ditos vocábulos-termos. Consideramos que localizar esses signos linguísticos especializados em relação aos termos e aos etnotermos, implica em analisar a tipologia de terminologização, somada a evidências linguísticas, a fim de delimitar as particularidades dessas grandezas sígnicas.

Palavras-chave: Etnoterminologia; etnotermo; vocábulo-termo; discurso etnoliterário;

ABSTRACT

The present study is aimed at delimiting the research field of Ethno-terminology within the framework of contemporary terminological studies. In this vein, our trajectory finds in Barbosa (1996, 2006, 2011) and in Pais and Barbosa (2004) indications of the ethnic approach of terminology. Thus, various terminology paths are portrayed from the classical approach of Wüster (1998) to the descriptive approaches of Cabré (1993), Gaudin (1993) and Diki-Kidiri (2008). Therefore, we will make a comparison between the different terminological approaches in order to situate the ethno-terminological approach, which is centered on the analysis of the idiosyncratic lexicon of the ethno-literarian universes of discourse, so we can ultimately surface an ethno-cultural point of view to Terminology. To this end, it is necessary to conceptualize the study objects of Terminology focusing on the conceptual designations of technical and scientific domains, so that we can base the minimum units of signification of the ethno-literarian universes of discourse - the so-called word-terms. We consider that locating these specialized linguistic signs in relation to terms and ethno-terms implies analyzing the typology of terminologization, as well as the linguistic evidences, in order to delimit the particularities of these lexical units.

Keywords: Ethnoterminology; ethno-term; word-term; ethnoliterary discourse;

RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail est de délimiter le champ de recherche de l'ethnoterminologie, dans le cadre des études terminologiques contemporaines. Dans ce sens, notre parcours trouve en Barbosa (1996, 2006, 2011) et en Pais et Barbosa (2004) des indications de l'approche ethnique de la Terminologie. Ainsi, on représente la trajectoire de la Terminologie, en passant par l'approche classique de Wüster (1998), jusqu'à approches descriptives de Cabré (1993), Gaudin (1993) et Diki-Kidiri (2008). Alors, nous allons faire une comparaison entre les approches terminologiques afin de situer l'approche ethnoterminologique, laquelle est centrée sur l'analyse du lexique idiosyncrasique des univers du discours ethnoterminologiques, dans le but de faire ressortir un point de vue ethnoculturel appliqué à la terminologie. À cette fin, il est nécessaire de conceptualiser les objets d'étude de la terminologie, en se concentrant sur les désignations conceptuelles des domaines scientifiques-techniques, afin que nous puissions baser les unités minimales de signification des univers de discours ethnoterminologiques, les soi-disant vocables-termes. Nous considérons que la localisation de ces signes linguistiques spécialisés par rapport aux termes et aux ethnoterminologues impose l'analyse de la typologie de terminologisation, ajoutée aux évidences linguistiques, afin de délimiter les particularités de ces unités lexicales.

Mots-clés : Ethnoterminologie ; ethnoterme ; vocable-terme ; discours ethnoterminologique ;

Uma breve apresentação

A inspiração para este trabalho de conclusão de curso teve origem no transcorrer da disciplina *Língua, Léxico e Terminologia II*, ministrada pelo Prof. Dr. Marcos de Campos Carneiro, disciplina obrigatória que consta no currículo do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI). Após estudarmos sobre os vários caminhos e percursos da Terminologia na atualidade, foi-nos requisitado a concepção de um trabalho final que incluísse: a discussão de um artigo científico relacionado aos eixos temáticos da disciplina e a confecção de um portfólio contendo nossas impressões e experiências.

Foi, nesse momento, pois, que encontramos a possibilidade de pesquisar mais à fundo sobre os caminhos que a Terminologia percorre na atualidade e à luz de determinados pesquisadores e pesquisadoras. Longas horas no computador e muitas páginas da *Internet* depois, deparamo-nos, primeiramente, com a literatura de Marcel Diki-Kidiri sobre Terminologia Cultural. Como o nosso projeto de pesquisa partiu de uma curiosidade e vontade de aliar as facetas etnoculturais e pluridiscursivas presentes na língua, os trabalhos de Diki-Kidiri sobre Terminologia Cultural foram muito esclarecedores nesse sentido.

Depois de conversar com o professor orientador e buscar mais inspirações, deparamo-nos com a literatura de Maria Aparecida Barbosa sobre Etnoterminologia. Assim, após a leitura do artigo "Para uma Etnoterminologia: recortes epistemológicos" (BARBOSA, 2006) da referida pesquisadora, vislumbramos um outro percurso da Terminologia na atualidade e outra metodologia de análise do "léxico popular", que não somente através das lentes da Terminologia clássica, da Terminologia Comunicativa e da Socioterminologia.

A disciplina da Etnoterminologia mostra-se como uma ponte entre o “melhor dos dois mundos”, na nossa concepção: unir manifestações culturais, língua e terminologia. Em vista disso, foi à luz das leituras das produções de Barbosa (1996, 2006, 2011), e de Latorre (2012, 2013, 2017) que conseguimos construir a base teórica sobre a qual as questões de pesquisa deste trabalho estão construídas. Assim, encontramos na Etnoterminologia tanto a teoria quanto a metodologia para a sistematização e descrição de unidades lexicais que, segundo Barbosa e Latorre, apresentam alta densidade terminológica, ainda que sejam compostas por vocábulos da língua comum.

Com efeito, de acordo com a literatura de Pais e Barbosa (2004), o objeto de pesquisa da Etnoterminologia é o discurso etnoliterário – doravante DE –, onde atualiza-se incessantemente

o *vocábulo-termo*, unidade mínima de significação do DE (LATORRE, 2012, p. 68). No entanto, após consultar as produções de Costa e Gomes (2011; 2013), vislumbramos outra forma de abordar a Etnoterminologia, desta vez a partir do estudo do *etnotermo*, unidade léxica presente em discursos de especialidade de comunidades linguísticas étnicas (COSTA; GOMES, 2013, p. 257). Desse modo, discorreremos sobre as tipologias de discurso, segundo Pais e Barbosa, de forma a localizar a instância do discurso etnoliterário meio aos outros e, com isso, situar diferentes abordagens etnoterminológicas.

Isso posto, discorreremos sobre as características do signo linguístico em Saussure de forma a compreendermos o processo de *conceptualização* em Barbosa, isto é, como codificamos e decodificamos uma ideia. Após o entendimento da noção de transformação do conceito em unidade lexical, falamos sobre os processos de criação de lexical, objetivando demarcar as fronteiras do termo, do etnotermo e do vocábulo-termo. Por conseguinte, apresentamos evidências linguísticas para as referidas unidades lexicais, buscando exemplificar os seus contextos de uso.

Localização da Etnoterminologia nos estudos terminológicos

Apresentaremos uma comparação entre as abordagens terminológicas para situarmos a abordagem etnoterminológica, centrada na análise do léxico idiossincrático dos universos de discurso etnoliterários, a fim de trazer à tona um ponto de vista etnocultural da Terminologia.

No que diz respeito a uma abordagem etnoterminológica, sua metodologia de análise concerne somente as tipologias discursivas que concentram características socioculturais evidenciadas através da linguagem, que, neste caso, são os discursos etnoliterários. Como mencionamos anteriormente, são universos de discurso em que podemos constatar a intenção de preservação do sistema de valores e de crenças, do imaginário coletivo e do saber compartilhado de uma comunidade humana (ANDRADE, 2010, p. 412). Portanto, a etnoliteratura coloca-se como um registro do imaginário e dos conhecimentos populares, ou, como escreve Andrade (2010), “a etnoliteratura é o método de análise discurso literário como fonte de conhecimento no estudo da diversidade cultural” (p. 412).

Nesse sentido, o objetivo de uma análise etnoterminológica vai além da documentação de processos históricos e culturais e de tradições populares. A Etnoterminologia apresenta-se como uma ferramenta com o poder de ajudar significativamente no trabalho tradutológico de textos literários e poéticos, tarefa que demanda um alto nível de conhecimento da realidade linguística e sociocultural dos textos em questão, bem como de seus respectivos autores. Faz-se necessário

destacar que a aplicação da Terminologia distingue-se da terminografia voltada à confecção de dicionários especializados, aproximando-se do estudo sistemático de termos e de conceitos próprios ao discurso etnoliterário, como propõe Latorre:

naturalmente o produto da análise etnoterminológica resultará em aplicações de importância prática, como uma melhor compreensão da cultura de grupos idiossincráticos, organizados em um país de imensas proporções territoriais como o nosso. Poderá também servir como documento de estudo antropológico, como fonte de estudo do processo histórico e mítico, ou como instrumento de auxílio na tradução literária e de, particularmente, contribuir para o ensino da língua portuguesa (LATORRE, 2013, p. 92-93).

É importante compreendermos porque houve essa necessidade de desenvolver um estudo da prática, teoria e metodologia terminológicas. De acordo com as palavras de Ferreira (2010, p. 67), após a revolução industrial dos séculos XIX e XX, e o surgimento de novas áreas técnico-científicas, hoje, no século XXI, estamos vivenciando um estado de *superespecialização* nesse meio técnico-científico informacional. Consequentemente, meio à constantes mudanças e avanços científicos nessa área, a terminologia, juntamente com seus produtos e metodologias, arrisca “tornar-se uma prática a serviço de instituições e organizações, em detrimento do seu próprio saber e de suas potencialidades [...]. Dessa forma, a terminologia deixa de ser ciência e acaba por tornar-se um mero *manual de terminologia*” (FERREIRA, 2010, p. 67).

Nessas reflexões sobre a Terminologia como ciência, também estão contidas todas as considerações feitas a respeito da Etnoterminologia. Em seu artigo, a referida autora também reconhece a importância dos trabalhos e pesquisas da Professora Maria Aparecida Barbosa e a contribuição deles para a grande área da Terminologia, afirmando que a professora “nunca deixou de questionar os princípios e métodos fundadores da terminologia [...] [ao desenvolver] trabalhos que a fizeram apontar sempre para um questionamento incessante no seio da metaterminologia e metalexigrafia” (FERREIRA, 2010, p. 68).

Com efeito, a partir dos trabalhos e pesquisas de Barbosa (1996, 2006, 2011), constatamos que o estudo e os desdobramentos da Etnoterminologia, juntamente com as suas abordagens, estão diretamente ligados à fragmentação das ciências em vários domínios e subdomínios ao longo dos séculos. “Não existem fronteiras rígidas entre cada especialidade. [...] As diferentes áreas do conhecimento sobrepõem-se e necessitam-se mutuamente” (FERREIRA, 2010, p. 68). Nesse sentido, podemos constatar que a abordagem etnoterminológica origina-se da

interdisciplinaridade¹ e intersecção entre as áreas mais diversas áreas do conhecimento, dentre elas, Terminologia, lexicologia, dialetologia, semiótica, semântica, antropologia, psicologia, etc.

Dessa maneira, acreditamos que este trabalho, aliado aos postulados teórico-metodológicos de Barbosa e Latorre acerca da Etnoterminologia, incorpora, nas palavras de Ferreira, “uma alternativa diferenciada de tratamento à terminologia, buscando [...], apontar para maneiras mais adequadas de manipulá-la, aproximando-a o mais possível [...] a essa nova necessidade do período atual” (FERREIRA, 2010, p. 70). Por conseguinte, o(a) terminólogo(a) que lida com aspectos de uma linguagem simultaneamente especializada e geral está constantemente exposto(a) às diferentes manifestações culturais e formas de fazer linguagem, o que demanda uma constante atualização da Terminologia – uma que possa abarcar satisfatoriamente esses novos processos.

Da Terminologia à Etnoterminologia

Antes de adentrarmos o núcleo das teorias do estatuto das unidades lexicais *termo*, *etnotermo* e *vocábulo-termo*, é imprescindível discorrermos sobre as áreas e os objetos de pesquisa da Terminologia clássica - de teor prescritivo-normativo -, da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e da Socioterminologia - ambas de natureza comunicativo-descritiva. Assim, construímos a base teórica inicial desta seção, partindo do universo de discurso² social não literário, passando pelo literário, até chegarmos ao universo de discurso etnoliterário, objeto de pesquisa da Etnoterminologia, produto de toda uma cultura e de suas tradições populares através dos tempos.

De maneira geral, os discursos são classificados em dois grandes grupos: social não literário, que diz respeito às linguagens de especialidade e, literário, concernente à língua geral. Com relação ao discurso literário, para Greimas e Courtés, segundo Andrade (2010, p. 409), esse apresenta-se como uma área de pesquisa cujas fronteiras são moldadas mais pela tradição

¹ Carneiro (1994, p. 102), a partir das palavras de Hilton Japiassú, defende que o conhecimento interdisciplinar é uma relação de reciprocidade e mutualidade, ou seja, “de diálogo entre os interessados em uma superação das fronteiras disciplinares”.

² O *discurso* define-se como um processo *discursivo de produção*, o qual integra uma enunciação de codificação e uma de decodificação, e o texto como enunciado (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 80). Assim, para os campos científicos da semiótica e da linguística, o entendimento de *discurso* extrapola os limites do texto enunciado, uma vez que o léxico pertencente a cada língua é uma representação direta do universo antropocultural de seus locutores (ANDRADE, 2010, p. 409). E, por universo antropocultural, compreende-se todos:

[...] os dados da experiência humana, classificados pelos antropólogos em biofatos (fatos do universo físico e biológico), sociofatos (fatos da vida social, estruturas sociais), mentefatos (fatos da vida psíquica, interior), manufatos (objetos fabricados pelo homem), compõem o universo referencial, que, para o código linguístico, corresponde ao universo antropocultural (ANDRADE, 2010, p. 409).

do que por critérios formais e objetivos. Quanto ao seu conteúdo, segundo Pais e Barbosa (2004, p. 81), o discurso literário suscita elementos de *verossimilhança* e de identificação, preponderantes entre os sujeitos-enunciatórios-leitores, em outras palavras, esse tipo de discurso

caracteriza-se como ficcional, objetiva despertar emoções, suscitar o prazer do texto, sem, contudo, constituir uma ‘imitação da vida’, mas *metáforas da vida* que conduzem a uma melhor compreensão dela. O elemento determinante de sua eficácia e de sua valorização é a *estética* (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 81).

Os discursos sociais não literários, por sua vez, são objetos de estudo da *Sociossemiótica* – disciplina desenvolvida pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, a partir de 1978, e subárea da Semiótica –, que estuda os discursos das áreas: científica, tecnológica, política, jornalística, publicitária, pedagógica, burocrática, religiosa, etc. Esses universos de discurso, segundo Pais e Barbosa (2004, p. 81), são caracterizados como *sociais*, pois, mesmo que circunscrevam emissores e receptores individuais, distinguem-se por terem enunciadores e enunciatários coletivos, ou seja, representam um grupo ou segmento social, dentre eles comunidades científicas e grupos profissionais. Isso posto, são tidos como *não literários*, pois, a sua função *estética* – imprescindível aos literários –, caso exista ou não, não define a sua *eficácia*, nem o seu estatuto sociossemiótico, proporcionado pela sociedade (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 81).

Além disso, o elemento determinante para sua valorização social é a *eficácia* e a *veridicção*, cuja produção do efeito de verdade define, afirma e sustenta grupos e segmentos sociais representados por estruturas de poder, mecanismos de argumentação, processos de manipulação e relações intersubjetivas e espaço-temporais de enunciação e enunciado (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 81). Em outras palavras, esse universo de discurso abarca também o *discurso técnico-científico* e todas as formas de comunicação especializada, objetos de estudo tanto da Terminologia clássica, quanto da TCT e da Socioterminologia.

O termo *terminologia*, segundo Almeida e Correia (2008, p. 68-69), pode remeter a duas acepções, sendo que a primeira define o “conjunto vocabular próprio de uma ciência, técnica, arte ou atividade profissional” (ALMEIDA; CORREIA, 2008, p. 69), a exemplo da terminologia da Medicina, Linguística, Física, Música, entre outras áreas. O segundo significado abrange tanto o conjunto vocabular de uma linguagem de especialidade, como “o conjunto de postulados teóricos necessários para dar suporte à análise de fenômenos linguísticos concernentes à comunicação especializada” (ALMEIDA; CORREIA, 2008, p. 69-70).

Além das definições de Almeida e Correia (2008, p. 68-70), trazemos as seguintes considerações de Maria Teresa Cabré sobre o assunto:

A terminologia é, antes de tudo, um estudo do conceito e dos sistemas conceptuais que descrevem cada matéria especializada; o trabalho terminológico consiste em representar esse campo *conceptual*, e estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa (CABRÉ, 1993, p. 52, tradução nossa)³.

Assim, o vocábulo *terminologia*, para Krieger e Finatto (2004, p. 34), como explicam Carvalho e Ferreira (2012, p. 2), alude tanto aos conjuntos de termos específicos a uma comunicação especializada, quanto à disciplina ou ao domínio científico, nessa última instância grafada *Terminologia*. Essa é um campo não só teórico, mas também aplicado, uma vez que centra-se na produção de dicionários especializados, glossários e bancos de dados terminológicos. De forma a preservar a clareza no decorrer deste trabalho, usaremos *Terminologia* para designar a disciplina enquanto teoria e campo de atuação.

A Terminologia, conforme mencionada em Carvalho e Ferreira (2012, p. 2-3), por meio das palavras de Alain Rey, “surgiu da necessidade de uma padronização, normatização da língua, devido ao grande desenvolvimento científico, tecnológico e econômico observado no decorrer da história humana“ (CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 2-3). O seu objeto de pesquisa é a linguagem especializada, em que o termo, ainda segundo Carvalho e Ferreira (2012, p. 3), juntamente com a fraseologia⁴ e a acepção, constitui a unidade lexical terminológica fundamental para que essa comunicação especializada ocorra de maneira a preservar o ideal de univocidade, a precisão e a normatização desse discurso técnico-científico.

O campo da Terminologia clássica, cujo precursor foi Eugen Wüster, na década de 1930, priorizava uma abordagem cognitiva e normativa das linguagens de especialidade, fato que engendrou a Teoria Geral da Terminologia (TGT). Essa abordagem terminológica clássica baseia-se nos princípios da onomasiologia (que parte do conceito em direção à denominação), segundo os quais o termo é uma entidade monossêmica, definido a partir de suas características conceituais, as quais são estabelecidas de forma normativa (RAUS, 2014, p. 11). Além disso, sua metodologia baseava-se na sistematização e normatização de conceitos, defendendo a precisão e a univocidade da comunicação especializada, rejeitando qualquer variação linguística, polissemia e sinonímia (CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 4).

Essas características da TGT de Wüster proporcionaram uma série de debates acerca da aplicabilidade prática e real da sua teoria aos ambientes de comunicação especializada e,

³ La Terminología es, ante todo, un estudio del concepto y de los sistemas conceptuales que describen cada materia especializada; el trabajo terminológico consiste en representar ese campo conceptual, y establecer las denominaciones precisas que garantizarán una comunicación profesional rigurosa.

⁴ Em linguística, estuda o contexto no qual uma palavra ou expressão idiomática é usada.

consequentemente, da sua funcionalidade para os especialistas e trabalhadores dessas áreas. Dentre as críticas levantadas, a falta de troca de conhecimentos entre especialistas dentro de um mesmo domínio do conhecimento, bem como sobre o seu alto teor estruturalista e prescritivo, apresenta a sua pertinência, uma vez que

[...] a terminologia estabeleceu fronteiras entre os especialistas, não permitindo a comunicação entre eles dentro de uma mesma área, vez que cada um se especializa no seu próprio domínio do saber, e, com isso, não há uma troca entre eles, impossibilitando a interdisciplinaridade (CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 4).

No entanto, as autoras reconhecem que, na situação de uma comunicação estandardizada, a qual demanda padronização e eficácia, a TGT é uma aplicação plausível, uma vez que a normalização terminológica⁵ gera benefícios e é fundamental às ciências exatas e a várias áreas técnico-científicas. Nesse sentido, de acordo com Raus (2014, p. 12), Eugen Wüster desempenhou um papel essencial na institucionalização da Terminologia, tornando-se um porta-voz para políticas linguísticas internacionais, com a criação do Comitê Técnico 37 da *International Organization for Standardization* – ISO.

Contudo, o que é o foco da crítica de Carvalho e Ferreira (2012, p. 4-5) à TGT, é o não reconhecimento por parte dessa das variações terminológicas às quais essas áreas científicas estão constantemente sujeitas. Dessa maneira, as autoras encontram na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré, uma alternativa ao caráter monossêmico, monorreferencial e dependente da TGT.

A Socioterminologia, de Gaudin (1993), juntamente com a TCT de Cabré, reconhecem os aspectos sociais e variacionistas da linguagem de especialidade, evidenciando o seu uso real. Não obstante, isso não é dizer que as áreas técnico-científicas não devam prezar pela normatização e eficácia em situações comunicativas especializadas; o que a TCT propõe é o enfoque no aspecto comunicativo da linguagem, levando-se em consideração “a dinamicidade da língua, da linguagem especializada e, com isso, suas possíveis polissemias e sinonímias” (CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 9), assim como explica Maria Teresa Cabré:

Se analisarmos a relação entre a forma e o conteúdo de um lexema (especializado ou não), observamos que a correspondência entre ambas as partes não é só unívoca, mas também múltipla (CABRÉ, 1993, p. 213, tradução nossa)⁶.

⁵ Segundo Barros (2006, p. 25), a normalização terminológica busca a eficácia na comunicação entre especialistas, com o objetivo de padronizar o uso de termos, de modo a evitar ruídos na comunicação e, portanto, tornar os serviços mais eficazes e evitar acidentes. Nesse sentido, os objetivos de obras terminográficas criadas por organismos de normalização envolvem o registro e a recomendação do uso de terminologias.

⁶ Si analizamos la relación entre la forma y el contenido de un lexema (especializado o no), observamos que la correspondencia entre ambas partes no suele ser unívoca sino múltiple.

Enquanto o objeto de estudo da TGT, da TCT e da Socioterminologia é a linguagem especializada do universo de discurso social não literário, a Etnoterminologia, como afirma Barbosa (2006, p. 48), objetiva compreender e mapear as funções das unidades lexicais no universo de discurso etnoliterário. A fim de caracterizar esse universo de discurso, o qual não é regido pelos mesmos parâmetros dos universos social não literário e literário, segundo Pais e Barbosa (2004, p. 81-82), na instância discursiva etnoliterária, o elemento da *verossimilhança* não é dominante e as marcas de tempo e espaço não estão bem delineadas, o que produz um efeito de atemporalidade e nos remetem a uma sensação de não-lugar.

Segundo Pais e Barbosa (2004), por um lado, o sujeito-enunciador desse discurso revela-se como uma entidade coletiva, a qual dedica-se à preservação e à transmissão desse conhecimento. Por outro, esses textos não fazem parte de uma ficção, pois não há verossimilhança, e tampouco são documentais, uma vez que não são testemunhos de fatos históricos propriamente ditos. Esse universo de discurso, à sua maneira, constrói e ressignifica um outro tipo de memória: a *memória social* (p. 83-84).

Assim, os discursos etnoliterários sustentam importantes facetas dos *sistemas de valores*, dos *sistemas de crenças*, que integram o *imaginário coletivo* de uma comunidade humana. Mostram uma visão do mundo, apresentam grandes linhas de um *mundo semioticamente construído*. Nesse sentido, constituem *documentos* altamente significativos, reveladores de uma *cultura* e do seu processo histórico (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 84).

Portanto, a Etnoterminologia encarrega-se da análise e da demonstração da visão de mundo de uma cultura, por meio do estudo de suas unidades mínimas de significação, os vocábulos-terminos. A Etnoterminologia configura-se como um campo de estudo da Terminologia na medida em que analisa fenômenos lexicais inseridos na realidade do discurso etnoliterário. Desta maneira, a Etnoterminologia, proposta como disciplina científica por Maria Aparecida Barbosa,

busca estudar a norma relativa ao estatuto semântico, sintático e funcional do conjunto das unidades lexicais que caracterizam o universo dos discursos etnoliterários, no âmbito da cultura brasileira. Essas unidades lexicais têm sememas muito especializados, construídos com semas⁷ específicos do universo de discurso em causa, provenientes das narrativas, cristalizados, de modo a tornar-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos (BARBOSA, 2006, p. 48).

Similarmente, Costa e Gomes (2011, p. 3414; 2013, p. 256) consideram a Etnoterminologia como uma área de atuação da Terminologia, com seus estudos pautados sob uma perspectiva etnocultural. Não obstante, os autores atribuíram um enfoque ligeiramente diferente à

⁷ Os semas, para Hjelmslev, são objetos de estudo da semântica estrutural e caracterizam-se como unidades menores do que o signo linguístico, dessa forma, eles compõem o signo e, quando organizados em feixes, constroem *sememas*. Por exemplo, no vocábulo *mulher*, podemos identificar três semas distintos: fêmea (S1), humana (S2), adulta (S3), que, juntos, formam o semema dessa palavra.

Etnoterminologia como proposta em Barbosa (2006), voltando seus estudos para a língua Mundurukú-Tupí e ao discurso técnico-científico dos processos de cura e medicina dessa comunidade linguística.

Esse enfoque diferenciado parte da importância da manutenção e valorização das tradições; essa importância é reconhecida não só por nós, mas também pelos alunos e sábios do povo; logo, fez-se necessária a expansão da ideia inicial de terminologia, pois, se antes um dos objetivos centrais do dicionário era mostrar que se pode falar sobre práticas e saberes científicos externos à comunidade, utilizando-se da língua Mundurukú, e assim evitar o uso indiscriminado de termos em Português, hoje faz parte do desafio da etnoterminologia auxiliar na manutenção e difusão dos conhecimentos tradicionais junto ao próprio povo mundurukú. (COSTA e GOMES, 2011, p. 3414)

Nesse momento, os autores ressaltam que a sua Etnoterminologia proposta e a de Barbosa (2006) partem do mesmo princípio e objetivo, o de manter e valorizar tradições etnoculturais, ainda que tenham objetos de estudo distintos. Em suas palavras, "a principal diferença entre o nosso estudo e o de Barbosa é o objeto de análise: nela, foca-se os discursos etno-literários; em nós, os discursos de cuidado e cura tradicionais de uma dada etnia brasileira. Em essência, nossos objetivos e epistemologia são muito, muito próximos" (Costa e Gomes, 2011, p. 3414).

No entanto, há diferenças entre o objeto de estudo da Etnoterminologia de Barbosa (2006) e de Costa e Gomes (2011; 2013). Se considerarmos a tipologia discursiva de Pais e Barbosa citada anteriormente, apreendemos que o discurso técnico-científico concernente à comunidade mundurukú enquadra-se na acepção de universo de discurso social não literário. Sendo assim, essa modalidade discursiva apresenta enunciadores e enunciatários coletivos que representam um grupo ou segmento social, a saber comunidades profissionais e científicas (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 81).

Em trabalho posterior, Costa e Gomes (2013, p. 257), percebendo as diferenças supracitadas, propõem a denominação de outra unidade mínima de significação para a Etnoterminologia, além do vocábulo-termo: o *etnotermo*. Ao propor essa nova grandeza sígnica, os autores reconhecem o fato de estarem lidando com uma terminologia cultural, assim como Barbosa; no entanto, essas unidades lexicais não originaram de um registro etnoliterário, "mas de termos presentes nos discursos de especialidade com alto grau de tecnicidade e cientificidade, considerados os parâmetros de cada povo" (COSTA; GOMES, 2013, p. 257). Ao definirem uma grandeza sígnica (etnotermo) própria de discursos técnico-científicos oriundos de comunidades etnoculturais, Costa e Gomes estabelecem uma proposta de Etnoterminologia pautada no saber-fazer científico particular a uma cultura.

Essa abordagem etnocultural da Terminologia também foi proposta por Diki-Kidiri (2008, p. 11), com a proposta de criação termos em línguas minoritárias africanas para conceitos

técnico-científicos advindos de culturas e línguas colonizadoras. Em ambos os casos, de Costa e Gomes e de Diki-Kidiri, identificamos a iniciativa de valorização cultural e do saber-fazer produzidos por essas culturas minoritárias. Com efeito, "não só a cultura ocidental moderna e suas universidades [são] capazes de produzir conhecimento científico e possuir técnicas científicas para lidar com a realidade física e social" (COSTA; GOMES, 2013, p. 257). A nosso ver, as abordagens de Costa e Gomes e de Diki-Kidiri residem na não-interferência de línguas e de culturas ocidentais, bem como de seus pressupostos, no momento da denominação de conceitos. Portanto, segundo Diki-Kidiri (2008, p. 11), o processo de criação lexical priorizado afina-se ao conceito de domesticação conceitual de um dado objeto que será denominado, desenvolvendo-se como alternativa ao do estrangeirismo.

Ao somarmos a Enoterminologia de Barbosa (2004) e de Costa e Gomes (2011; 2013) à abordagem cultural da Terminologia de Diki-Kidiri (2008), encontramos no *etnotermo* "uma metaforização do natural" (SILVA, 2017, p. 69), isto é, a apreensão de fenômenos naturais⁸ a partir de um ponto de vista etnocultural.

Dos aspectos do signo linguístico

Antes de discorrermos sobre os processos de codificação e de decodificação de ideias, bem como de criação lexical, faz-se necessário delimitarmos o signo linguístico, uma vez que é sobre o seu conceito e suas implicações onde estão erigidos os pilares da teoria da *conceptualização*⁹ de Barbosa (2011). Dessa forma, todo o arcabouço teórico construído por Saussure em seu Curso de Linguística Geral no início do século XX foi extremamente relevante para a construção da estrutura do campo da Linguística, bem como para o estudo da Semiótica¹⁰. Nesse ponto, o signo linguístico proposto por Saussure (2006, p. 80) é definido como "uma entidade psíquica" em que se diferenciam dois elementos, o significante e o significado. O significante, de acordo com o linguista, refere-se à imagem acústica, ou seja, à forma e ao som combinados, enquanto o significado representa o sentido, ou seja, a decodificação mental da imagem acústica, atribuída de um conceito. Isso posto, não há nenhuma regra preestabelecida que justifique a escolha da atribuição acústica ao conceito.

⁸ Aqui, estão contidos somente os fenômenos naturais técnico-científicos.

⁹ Para Barbosa (2011, p. 62), é um processo que se instaura na instância discursiva, no percurso gerativo da enunciação, onde são produzidas a cognição e a semiose, culminando na formação de um conceito e de sua manifestação linguística.

¹⁰ Área do conhecimento que estuda os diferentes tipos de símbolos criados pelo ser humano.

Para Saussure, o valor conceitual do signo linguístico, o qual depende da significação¹¹, está no potencial que o signo tem de representar uma ideia. Pode-se encontrar esse valor a partir de dois aspectos, o da dessemelhança e o da semelhança, a partir da teoria do valor linguístico de Saussure (2006, p. 130-139). Na primeira instância, o valor relaciona-se ao seu oposto, fora do campo da significação; na segunda instância, quando o valor é relacionado a outros signos, dentro do campo da significação. Dessa maneira, o valor do signo linguístico, para Saussure (2006, p. 130-139), em toda sua amplitude, origina-se nas diferenças tanto do conceito, quanto da matéria. Assim, o fator determinante para a distinção de um signo é tudo o que o compõe. Sobre o tema, Saussure explica:

[O] valor [da palavra] não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser "trocada" por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente. [...] Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (SAUSSURE, 2006, p. 134-136).

Ainda nessa linha de pensamento, por um lado, entende-se que as significações, manifestam-se da percepção que o indivíduo tem do ‘mundo exterior’, de todas as suas formas físicas, biológicas e mecânicas, as quais juntas ou dissociadas podem gerar significantes (ARRAIS, 2011, p. 23-24). Por outro lado, os significados são formulados de acordo com as nossas percepções do ‘mundo interior’, que é composto por conceitos, sensações, afetos, impressões e identidades. No momento em que essas percepções se encontram, estabelecem um sistema de posições diferenciais¹² organizadas de acordo com as percepções, fato que compõe o sistema de valores, que, por sua vez, constituem uma comunidade linguística (ARRAIS, 2011, p. 23-24).

Sobre o tema, Saussure (2006, p. 261) constatou que a unidade, elemento intrínseco a uma comunidade linguística, é composta e mantida pelo vínculo social que o linguista denominou *etnismo*. Nesse sentido, Saussure nos ensinou que a língua é um documento histórico, testemunho de todo um processo histórico de uma cultura.

[...] O vínculo social tende a criar a comunidade de língua e imprime talvez ao idioma comum determinados caracteres; inversamente, é a comunidade de língua que constitui, em certa medida, a unidade étnica. Em geral, esta sempre basta para explicar a comunidade linguística (SAUSSURE, 2006, p. 261).

¹¹ Em outras palavras, do sentido veiculado por um signo ou conjunto de signos.

¹² Para Saussure, sistema composto por pontos de vista de diferentes referenciais.

Esse discurso acerca do signo linguístico saussuriano e o sistema de valores em que ele se insere serve para nos situarmos com relação a unidade lexical no discurso e, como veremos mais à frente, com relação a sua plurifuncionalidade. Enquanto isso, nos ateremos à discussão sobre os percursos da *conceptualização* e o percurso gerativo da enunciação, isto é, como conceituamos um termo ou vocábulo, e assim, codificamos uma ideia.

Conceptualização

A análise e a descrição do patamar da cognição e suas relações com o da semiotização linguística e o da terminologização¹³ foram objetos de pesquisa bastante representados nos trabalhos de Maria Aparecida Barbosa. Segundo a autora, é possível “examinarmos diferenças conceituais e metodológicas entre os processos de conceituar e de definir, de modo a obter subsídios, para uma metodologia de configuração dos traços semântico-conceituais de um *conceito*” (BARBOSA, 2011, p. 62).

Ainda mais importante é a instância discursiva na qual se produz tanto a cognição¹⁴ quanto a semiose¹⁵, uma vez que é na caracterização desses diferentes contextos que se criam conceitos, e assim, a *conceptualização*. Barbosa discorre sobre esse processo em:

[...] Tais contextos constituem as principais fontes de que são extraídos os correspondentes traços semântico-conceituais. Com efeito, é na instância discursiva que se produz a *cognição* e a *semiose*, se instaura a *conceptualização* de um ‘fato’, se engendra um *conceito* e sua manifestação linguística. É no discurso manifestado, pois, que se presentificam os traços conceituais, num procedimento de codificação; e é dele que se extraem, num procedimento de investigação, esses mesmos traços (BARBOSA, 2011, p. 62-63).

Sobre o percurso gerativo da enunciação, seja de codificação ou de decodificação, Barbosa postula que esse tem início com a *percepção* dos ‘fatos naturais’, ou seja, substâncias estruturáveis que retêm “um núcleo de percepção biológica universal” quando percebidas, de várias maneiras, por grupos linguísticos e socioculturais. Sucedendo esse momento inicial da percepção, é estabelecido o segundo momento, o do processo de *conceptualização*.

Nesse estágio, encontram-se três variedades de atributos semânticos: o das *latências*, segundo Hjelmslev (2006, p. 53-64), “em que os fatos observáveis têm seus traços identificadores em estado potencial, como substâncias de conteúdo, estruturáveis, apreensíveis”

¹³ Processo através do qual criam-se termos; comentaremos detalhadamente os processos de terminologização, segundo os postulados teóricos de Barbosa (2006), mais à frente neste trabalho.

¹⁴ Segundo Areas (2013, p. 12), termo da área da Psicologia amplamente utilizado pela Linguística para referenciar os fenômenos mentais que concernem a aquisição, o armazenamento, a ativação e o uso do conhecimento. Encontramos mais informações sobre cognição no primeiro capítulo do livro de Eduardo Areas, Curso Básico de Linguística Gerativa, listado nas referências deste trabalho.

¹⁵ Termo criado por Charles Sanders Peirce que designa o processo de significação, ou seja, de produção de significados.

(BARBOSA, 2011, p. 63); o das *saliências*, em que as particularidades dos fatos se sobressaem por si mesmas, no que chama-se de semiótica natural e, por último, o das *pregnâncias*, segundo Pottier (1992, p. 61-69), “em que o *sujeito enunciator individual e/ou coletivo* seleciona e escolhe os traços que irão configurar o conceito que têm do fato em questão” (BARBOSA, 2011, p. 63).

O terceiro estágio compreende a conclusão do processo de *conceptualização*, no qual ocorre:

[...] a produção de modelos mentais, dos *conceptus* (RASTIER), noções ou conjuntos noêmicos – traços semânticos conceptuais –, a que correspondem, [...] os recortes culturais, os recortes construídos em última análise, os *designata*. (BARBOSA, 2011, p. 63)

Dessa maneira, os três momentos mencionados, compostos pela percepção, pelo início e pela conclusão da *conceptualização*, configuram o percurso da cognição proposto por Barbosa ao qual aderimos, compreendido como o entendimento e a construção de uma ‘visão de mundo’ (BARBOSA, 1996, p. 157), os quais culminam no próprio percurso da cognição.

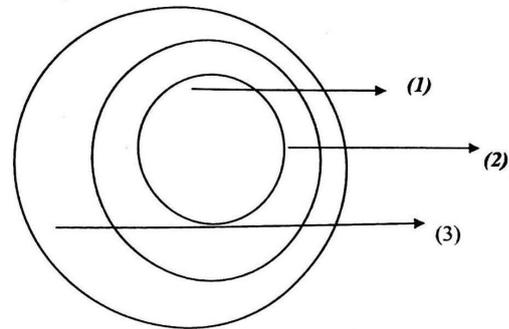
Segundo Barbosa (2011, p. 66), um dos produtos desse percurso cognitivo é o *conceito*, que, por sua vez, resulta da interpretação de fatos naturais e/ou culturais, a qual localiza-se no nível pré-linguístico. O outro produto seria a *definição*, que corresponde ao resultado da análise, descrição e interpretação de grandezas sógnicas, processos situados no nível semiótico. Portanto,

conceituar é o processo de construção de um modelo mental que corresponde a um recorte cultural e, em seguida, de escolha/engendramento da estrutura léxica que pode manifestá-lo de maneira mais eficaz. Tal processo tem como ponto de partida o universo natural. *Definir* é o processo de analisar e descrever o *semema linguístico*, para reconstruir o modelo mental: o seu ponto de partida é a estrutura linguística manifestada (BARBOSA, 2011, p. 66)

Quanto à estruturação dos patamares *conceptuais*, que subjaz aos processos acima descritos, Barbosa (2011, p. 68), citando Rastier, estipula que um conceito ou *conceptus* constitui um ‘modelo mental’, articulado dialeticamente a um recorte cultural ou *designatum*. A partir disso, cria-se, em Pottier, um subconjunto de noemas¹⁶ que, de acordo com Barbosa,

apresenta grande complexidade estrutural: um subconjunto de noemas, biofísicos ou ‘universais’, *conceito stricto sensu*; um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, culturais, *metaconceito*; um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, intencionais, modalizadores, *metametaconceito*. Neste último, o noema [intenção] é o mais importante, por oposição ao [ideológico] do subconjunto anterior, não tão marcado como o [intencional]. Esses três subconjuntos formam o *conceito lato sensu* (BARBOSA, 2011, p. 68).

¹⁶ Conceito pertencente ao domínio da Filosofia denominado Fenomenologia, proposto por Edmund Husserl. Nesse âmbito científico, encontramos dois extremos da experiência natural humana: noesis, o ato de perceber, e noema, o que é percebido.

Figura 1: Campo *conceptual* do conjunto *lato sensu*

- (1) Noemas universais
- (2) Noemas ideológicos, culturais
- (3) Noemas ideológicos, intencionais, culturais

Fonte: Barbosa (2011, p. 69)

A estrutura desse ‘modelo mental’ do *conceptus lato sensu*, compreende, segundo Barbosa (2011, p. 69) e Latorre (2012, p. 78), o *conceptus stricto sensu*, o *metaconceptus*, o *metametaconceptus* e o *arquiconceptus*. A estrutura apresentada esquematiza-se em:

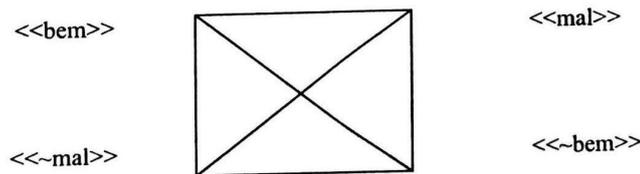
Tabela 1: Estrutura do modelo *conceptual lato sensu*, segundo Latorre (2012, p. 78)

Classes de noemas/conceptus	Caracterização semântico- <i>conceptual</i>	Natureza
Noemas universais	Universais semânticos hiper profundos	Mecanismos básicos de cognição
<i>Conceptus</i>	Atributos semântico-conceptuais culturais	Pregnâncias/escolhas
<i>Metaconceptus</i>	Atributos culturais ideológicos	Pregnâncias/ideologia
<i>Metametaconceptus</i>	Atributos modalizadores manipulatórios	Pregnâncias/ideologias
<i>Arquiconceptus</i>	Atributos multiculturais e/ou multilinguísticos	Intersecção <i>conceptual</i>

Fonte: Elaboração nossa

Ainda no campo da criação *conceptual*, Barbosa (2011, p. 69) postula que no momento da construção de um conceito, concomitantemente e obrigatoriamente, construímos três outros conceitos: seu *contrário* e os *contraditórios* derivados, processo que culmina no campo conceitual de um conceito *lato sensu*. A decorrência disso é atribuída ao fato de um conceito ligar-se necessariamente a outro conceito, dado que o raciocínio humano se dá por oposições – dentre as quais, relações entre contrários e contraditórios, como demonstra a figura:

Figura 2: Estrutura do conceito “bem” e “mal”



Fonte: Barbosa (2011, p. 69)

De acordo com Barbosa (2011, p. 69), como explicita a figura acima, ao engendrar-se o conceito de “bem”, simultaneamente engendra-se o seu contrário “mal”, e todos os seus respectivos contraditórios, “~bem” e “~mal”.

Assim, um *conceito lato sensu* é um campo *conceptual*, já que, implicitamente contém esses três outros *conceitos*. Chamaremos esse caso de *campo conceptual unitário pleno*, por oposição ao *campo conceptual unitário vazio* (\emptyset), o que contém conceitos virtuais ainda não engendrados. Diferente é a organização do *campo conceptual conjunto múltiplo*, que contém vários *conceitos lato sensu* explicitados, com um núcleo sêmico comum, apresentando, cada um deles, implicitamente, seus *conceitos contrários e contraditórios* (BARBOSA, 2011, p. 69).

Isso posto, a relação referente-conceito, explorada pelos trabalhos acadêmicos de Maria Teresa Cabré, propõe grandes dificuldades no campo científico do saber, uma vez que só pode ser explorada a partir de hipóteses e comprovações empíricas indiretas. Essa relação também almeja descrever o modo pelo qual os indivíduos conhecem, percebem e *conceptualizam* a realidade, e são exatamente essas qualidades que tornam o tema da relação referente-conceito um tema muito controverso e subjetivo.

Dessa forma, ainda de acordo com Cabré (1993, p. 94-96), os indivíduos compreendem a realidade através dos seus diferentes mecanismos cognitivos, o que por sua vez, os obrigam a comportar-se seguindo essa compreensão – evitando o que se considera perigoso, alimentando-se com o que lhes agrada, relacionando-se com quem gostam, etc. E, paralelamente a tudo isso, para aludir a essa realidade, ou ‘visão de mundo’, os indivíduos farão uso de todos os seus sistemas comunicativos e expressivos, dentre os quais a linguagem é a mais notável.

A teoria terminológica, seguindo a linha de pensamento de Cabré (1993, p. 94-96), vai ao encontro da problemática da relação referente-conceito, ou seja, de como a mente humana apreende a realidade a sua volta, e conseqüentemente, gera os conceitos para defini-la. Assim, como explica Cabré (1993, p. 94-96), a cognição, partindo dessa ideia, é tanto o resultado de um processo psíquico que vai em direção à formação do conhecimento, quanto um processo mental que consiste na apreensão da realidade.

Voltando à discussão do percurso gerativo da enunciação de codificação, chegamos ao quarto momento desse fenômeno, o da lexemização – *mise en lexème* – e o da terminologização – *mise en terme*. Nesse momento, temos a transformação do conceito em grandeza-signo, e assim, deixamos o nível da cognição e vamos em direção ao nível da semiótica, instaurando o processo de significação (BARBOSA, 2011, p. 64). Assim, discorreremos sobre o processo de terminologização – *mise en terme* – e o de vocabularização – o qual é subjacente ao da *mise en lexème* de Bernard Pottier (1992, p. 61-69) – que juntos, concretizam o produto da configuração do conceito em grandeza-signo, ou seja, o estágio final da *conceptualização*.

Terminologização

Os termos, objetos de estudo da Terminologia clássica, da TCT e da Socioterminologia, juntamente com os vocábulos, objetos da Lexicologia, compõem os universos de discurso das linguagens de especialidade e da língua geral, respectivamente. No entanto, em nível de sistema, essas unidades lexicais apresentam-se *plurifuncionais*, uma vez que a determinação de sua função depende da norma discursiva na qual estão inseridas, fato que, por conseguinte, indicará o seu estatuto de termo ou de vocábulo (BARBOSA, 2006, p. 49). Dessa forma, percorreremos o caminho da terminologização *stricto sensu*, das vastas formas de terminologização *lato sensu*, da metaterminologização, bem como da vocabularização, a fim de mapear e exemplificar a *plurifuncionalidade* das unidades lexicais de acordo com determinada norma discursiva.

Por *terminologização* entende-se um processo a partir do qual uma palavra ou expressão da língua geral é transformada em termo¹⁷. Nessa definição, referida por Barbosa (2006, p. 49) como *stricto sensu*, essa terminologização remete a um processo de transposição da unidade lexical da língua comum, ou geral, para a língua de especialidade: a transformação do vocábulo

¹⁷ Terminologization – process by which a general language word or expression is transformed into term. ISO 1087-1 (E/F). Terminology work – Vocabulary, Part 1: theory and application/Travaux terminologiques – Vocabulaire, Partie 1: théorie et application. Genève: International Standard Organization (ISO), 2000.

em termo. Se observarmos o percurso de enunciação de codificação, veremos que esse processo deriva de uma relação horizontal, entre normas de um sistema linguístico, intra-sistema de significação e inter-universos de discurso; nesse sentido, o ponto de partida e o de chegada é o *nível linguístico* (BARBOSA, 2006, p. 49).

Não obstante, a terminologização também pode ser compreendida como um processo que converte um conceito em termo (onomasiologia), comparável à lexemização de Pottier, processo o qual Barbosa (2006, p. 49) denomina terminologização *lato sensu*. Assim, essa outra perspectiva de terminologização, circunscrita no percurso gerativo da enunciação de codificação, “a própria realidade fenomênica, em que se tem uma informação virtual, amorfa, que, em outro nível, o do recorte observacional e cultural, se transforma no *conceptus*; este, por sua vez, será terminologizado” (BARBOSA, 2006, p. 49).

Nessa segunda acepção, a correlação ocorre entre o nível *conceptual* e o linguístico, a qual mostra-se diferente da primeira acepção (*stricto sensu*) atribuída acima – a transformação de vocábulo em termo. Na concepção de terminologização *stricto sensu*, o processo de criação de termos torna-se deveras restrito, uma vez que estipula somente o empréstimo de vocábulos da língua comum, com a alteração de elementos semânticos. Nesse contexto, atestamos que o *etnotermo*, proposto por Costa e Gomes (2013, p. 257), pode originar-se a partir do processo onomasiológico de terminologização *lato sensu*, ao qual nos referimos por *lato sensu A*, de maneira a diferenciá-lo do outro possível processo de terminologização *lato sensu*, a saber *lato sensu B*.

Sabemos que os processos de terminologização *lato sensu*, a depender da área técnico-científica, têm alto potencial criativo, pois podem partir do nível fonológico, sintagmático e/ou semântico. Dessa maneira, o aproveitamento de vocábulos ou de termos – de uma língua para outra ou de um campo científico para o outro – é apenas um dos processos de terminologização possíveis. Portanto, a acepção supracitada, nomeada *stricto sensu*, proposta pela norma ISO¹⁸ limita a abrangência conceitual do termo, dado que reconhece somente um dos conceitos de terminologização (BARBOSA, 2006, p. 49).

Assim, o que se torna evidente a partir dessas noções é que, no que tange a relação inter-universos de discurso, todos os processos de terminologização e vocabularização apresentam um potencial para uma semiose ilimitada. Isso posto, Barbosa (2006, p. 49) introduz uma *tipologia de processos* na tentativa de mapear os possíveis processos de criação terminológica e lexical. Levando em conta a transposição da terminologia para o universo de discurso da

¹⁸ *Ibid.*, 2000.

língua geral, numa primeira instância, originamos o processo de *vocabularização*. Nesse sentido, temos a expressão *entrar em órbita*, retirada da linguagem técnico-científica e introduzida no universo da língua comum por meio de um processo de *metáforização*, que, segundo Barbosa (2006, p. 49), apresenta-se como o principal mecanismo de criação.

Analisemos o processo inverso, a transposição de uma unidade lexical da língua geral para o universo da comunicação especializada – ao que a norma ISO¹⁹ se refere como terminologização e que Barbosa (2006, p. 49) categoriza como terminologização *stricto sensu*. Dentro desse universo de criação terminológica, ainda de acordo com os trabalhos de Barbosa, temos o exemplo de *peregrinismo*, “que na língua comum, significava ‘ir em romaria’ e, nas ciências da linguagem, passou a significar ‘emprego de vocábulo estranho à língua vernácula, estrangeirismo’ ”; temos a palavra *tópico*, “do grego *topikós*, ‘relativo a lugar’, através do latim *topicu-*, e que, em farmacologia, passa a designar o ‘remédio de uso externo aplicado sobre o lugar da afecção’ ”; e, por fim, temos *navegar*, “viajar pela água com embarcação”, e *navegar*, da aeronáutica, e *navegar*, da informática (BARBOSA, 2006, p. 49).

Da mesma maneira, consideremos agora o processo de *metaterminologização*, no qual temos a transposição de um termo de uma área técnico-científica para outra área, conservando-se um núcleo sêmico comum aos termos das áreas distintas. Barbosa (2006, p. 49) esclarece mais esse processo estipulando que não há modificação total do significado, portanto, mantêm-se alguns traços semânticos na intersecção dos dois sememas. Para esse processo, a autora nos fornece dois exemplos: o termo *estrutura e função* – os quais integram o universo especializado de várias áreas científicas.

Isso posto, consideremos agora a transposição de um termo de uma área técnico-científica para outra área, sem a preservação de um núcleo sêmico comum a essas áreas envolvidas. Igualmente, esse processo é conhecido como *metaterminologização*, “mas distingue-se do precedente, na medida em que o termo transposto perde os traços semânticos que possuía no universo de partida. É o caso, por exemplo, de *arroba* ‘medida de peso’ e *arroba*, como símbolo de endereço eletrônico (@)” (BARBOSA, 2006, p. 49-50).

Assim, como foi mencionado anteriormente, temos processos que instauram termos a partir de vocábulos e vocábulos a partir de termos, caracterizados por *terminologização* *stricto sensu* e *vocabularização*, respectivamente. Da mesma maneira, vimos por último o caso da instauração de termos a partir de termos, com a conservação ou não de núcleos sêmicos, ao que nos referimos *metaterminologização*. Em todos os processos mencionados, respaldados por

¹⁹ *Ibid.*, 2000.

Barbosa (2006), a relação estabelecida entre universos de discurso é *horizontal*, isto é, de um universo *para* outro universo.

No entanto, ainda de acordo com a literatura de Maria Aparecida Barbosa com relação ao processo de *terminologização* lato sensu, nesse caso, evidencia-se a passagem do nível *conceptual* para o nível terminológico, uma categoria de criação *ex-nihilo*. Essa, por sua vez, demonstrará diferentes motivações de criação, mas, que, no entanto, não é produto da transposição de um universo de discurso para o outro – esse processo de terminologização instaura uma nova grandeza sógnica. E, no que tange a relação entre universos de discurso, essa, diferentemente dos outros processos mencionados, é *vertical*, ou seja, parte do nível *conceptual* para chegar-se ao nível linguístico. A terminologização *lato sensu* está subentendida a todos os outros processos de terminologização, uma vez que, em seu cerne, o ponto de partida é sempre o nível *conceptual*, e não puramente o linguístico.

Nesse sentido, se considerarmos os diferentes graus de terminologização e vocabularização, nos depararemos com a seguinte conclusão: “que uma unidade lexical não é termo ou vocábulo, em si mesma, mas, ao contrário, está em função ‘termo’ ou em função ‘vocábulo’, ou seja, o universo de discurso em que se insere determina o seu estatuto, em cada caso” (BARBOSA, 2006, p. 50). Portanto, a tarefa de categorização pragmática dos conjuntos de termos e vocábulos possíveis não é praticável, dado que esse trabalho taxonômico é produto direto das situações e ambientes discursivos, e dessa maneira, subordinado aos universos e situações de discurso. Por conseguinte, segundo Barbosa (2006, p. 50), se estabelece um percurso para uma unidade lexical, situado em um eixo *continuum*, que, de um lado, aponta para o mais alto grau de vocabularização e, de outro, aponta para o mais alto grau de terminologização. Assim, a toda unidade lexical atribui-se um caráter *plurifuncional*, no nível de sistema, e *monofuncional*, no nível de uma norma ou falar concreto (BARBOSA, 2006, p. 50).

Agora, uma vez que consideramos o caráter da unidade lexical e sua gênese no âmbito da linguagem – seja língua comum ou linguagem especializada –, ressaltamos a norma relativa ao estatuto semântico, sintático e funcional desse conjunto de unidades lexicais compósitas do universo de discurso etnoliterário. Sobre esse tema, Barbosa nos oferece exemplos desses universos e como essas unidades lexicais são apresentadas:

Há uma série de romances cujo tema é, por exemplo, o amor desgraçado. Nesses textos, de modo geral, tem-se um grande número de personagens, contudo, são muito pobres em sua figurativização. Na realidade, são tipos humanos, ou tipos sociais, suportes de temas, encarregados da tematização. Encontram-se nos romances grandes temas universais, as oposições *amor x morte*, *vida x morte*, *amor x alma*, *riqueza x miséria*, *bem x mal*, *poder x fraqueza*, *fidelidade x traição*, etc.[...]. Os grandes

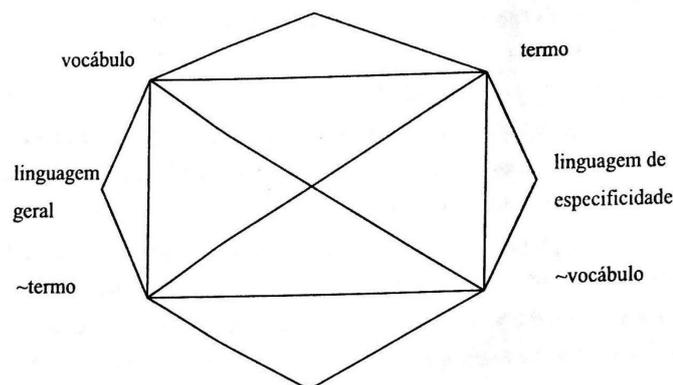
proprietários de terras são com frequência os representantes do poder, da opressão, do mal. Os homens pobres representam frequentemente o bem, a honestidade, a franqueza, o sonho de liberdade (BARBOSA, 2006, p. 50).

Nesse sentido, apreendemos o fato de que as unidades lexicais dos discursos etnoliterários demonstram características muito particulares, pois, por um lado, apresentam-se como vocábulos metassemióticos, de acordo com a fala de Barbosa (2006, p. 50), e por outro, demonstram um nível de especificidade comparável ao das linguagens de especialidade, visto que pertencem à uma forma de linguagem especializada. Desse modo, os sememas dessas unidades lexicais não correspondem aos sememas da língua geral, nem aos sememas das linguagens pertencentes a áreas técnico-científicas. Mais uma vez, exponho as palavras de Barbosa, que aprofunda de maneira excepcional a reflexão proposta:

Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etnoliterário, provenientes das narrativas e cristalizados, de maneira a tornar-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente (BARBOSA, 2006, p. 50).

Isso posto, fica evidente que o estatuto da unidade lexical nesse universo discursivo é notoriamente diferente dos outros universos de discurso apresentados anteriormente. No que tange o universo da norma e do enunciado, essa unidade lexical adquire duas funções, a de vocábulo e a de termo; de fato, atua enquanto vocábulo do que diz respeito aos seus aspectos “referenciais, pragmáticos e simbólicos, em função semiótica, metassemiótica ou meta-metassemiótica” (BARBOSA, 2006, p. 50). E, comporta-se como termo, devido ao fato dessa unidade lexical assumir características de uma linguagem de especialidade. Com efeito, é este o paradigma que nos torna possível visualizar, a seguinte tensão *vocábulo-termo*:

Figura 3: Tensão vocábulo x termo



Fonte: Latorre (2012, p. 69)

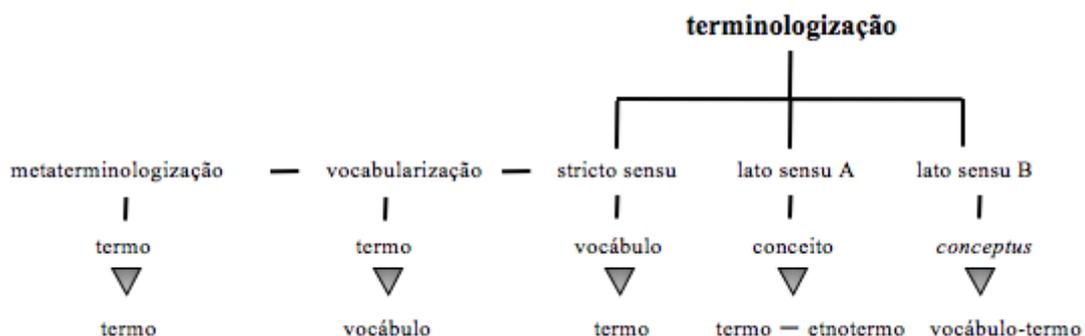
Essa unidade mínima de significação, objeto de estudo da Etnoterminologia, doravante denominada *vocábulo-termo*, comporta e descreve, simultaneamente, a axiologia de um povo – uma forma de sustentação do pensamento, dos valores, das tradições e das identidades de uma cultura. Em sua função mais ampla, os vocábulos-termos portam “verdades universais, registros que são do conhecimento acumulado sobre o mundo, sobre a natureza humana [...]” (LATORRE, 2012, p. 68).

Com relação a face ‘termo’ dessa unidade lexical, é seguro afirmar que a carga terminológica não é, em grande parte, a característica mais preponderante. Contudo, é possível identificar os graus significativos de informatividade e densidade semântica dos vocábulos-termos. Todavia, como mencionamos anteriormente, segundo os preceitos de Barbosa (2006, p. 51), são as situações discursivas do universo de discurso que atribuirão aos vocábulos-termos o mais elevado ou o mais baixo grau de especificidade.

De maneira sucinta, pode dizer-se que as unidades lexicais dos discursos etno-literários têm um significado muito especializado, [...] e que são, ao mesmo tempo, polissêmicas/polissemêmicas [...]. Essas unidades léxicas reúnem qualidades das linguagens de especialidade e qualidades da linguagem literária, conservando um valor semântico social e concomitantemente permanecendo como documentos do processo histórico de uma cultura [...]. Elas resultam, simultaneamente, do cruzamento de processos de metaterminologização e de metavocabularização (BARBOSA, 2006, p. 51).

Dessa maneira, objetivando sistematizar, em sua totalidade, a supracitada tipologia de processos de Barbosa (2006, p. 49-50), associando cada processo a sua relação com as unidades lexicais *termo*, *vocábulo*, *etnotermo* e *vocábulo-termo*, propomos o seguinte diagrama:

Figura 4: Diagrama de criações lexicais



Evidenciação linguística

A tipologia de processos de criação lexical citada acima tem por objetivo sintetizar os conceitos de metaterminologização, vocabularização, terminologização *stricto sensu*, terminologização *lato sensu A*, terminologização *lato sensu B* e a sua associação com as unidades lexicais correspondentes. Sob este ângulo, abordaremos as evidências linguísticas resultantes desses processos, com o objetivo de delimitar as particularidades das grandezas sógnicas *vocábulo-termo*, *etnotermo* e *termo*, respectivamente.

Na pesquisa de Latorre (2012, p. 115-140), encontramos a sistematização de vocábulos-termos na forma de fichas etnoterminológicas. Em seu trabalho, a autora mapeia e analisa minuciosamente semas conceptuais formadores de vocábulos-termos presentes no universo discursivo etnoliterário de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Na classificação proposta pela autora, encontramos traços biofísicos, culturais ideológicos e modalizantes intencionais que compõem cada unidade lexical analisada. Dessa maneira, seguindo essa configuração, podemos constatar os graus de densidade semântica e de informatividade expressos por cada vocábulo-termo, na correspondente situação discursiva de Guimarães Rosa.

Na figura abaixo, Latorre (2012, p. 117) mapeia os semas *conceptuais* formadores do vocábulo-termo *sertão*, amplamente empregado na obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*.

Tabela 2: Classificação *conceptual* do vocábulo-termo *sertão*

NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Classe de Noemas	Caracterização Semântico-Conceptual	Natureza
	<i>Conceptus</i>	Região do interior do Brasil, pouco habitada, e pouco conhecida, afastada dos núcleos urbanos, onde perduram tradições e costumes antigos.	Traços biofísicos
	<i>Metaconceptus</i>	Região do tamanho do mundo, arredada de arrocho de autoridade, ocultada, onde enterro é festa, o raiar da aurora tonteia e a treva faz mal.	Traços culturais ideológicos
	<i>Metametaconceptus</i>	Lugar que esconde, acena e rodeia por todos os lados, onde se tem medo de tudo, o pensamento se forma mais forte que o poder do lugar e a doideira pode ser razão e juízo.	Traços culturais modalizantes intencionais

Fonte: Latorre (2012, p. 117)

Sobre a plurifuncionalidade e a idiosincrasia dos vocábulos-termos encontrados no discurso etnoliterário de Guimarães Rosa, à luz do que já foi afirmado a respeito do estatuto dessas unidades lexicais, a autora acrescenta:

as palavras usadas pelos sertanejos de Rosa são palavras da língua geral, cuja dupla significação não está ao alcance de quem não seja sertanejo de Rosa. É nessa exclusividade semântica que a fronteira existente entre o vocábulo e o termo das linguagens de especialidades torna-se densa, palpável, comprovada enfim, se comparada a outros discursos etnoliterários, e é, nesses limites, que se apresenta o vocábulo-termo, no qual o autor encontra a palavra em todo seu vigor, não desgastada

pelo uso impróprio. Enfim, o olhar etnoterminológico lança luzes sobre o estudo do termo no discurso etnoliterário, que escapa à Terminologia no campo específico a que sua análise está circunscrita (LATORRE, 2013, p. 92).

No que tange os etnotermos, Costa e Gomes (2013, p. 269) propõem a criação de um dicionário etnoterminológico, com uma estrutura particular, voltado para o sistema de cura e cuidados da comunidade mundurukú, figurando em cada página um etnotermo principal. Cada etnotermo, de acordo com os autores, corresponde a um meio fitoterápico ou zoterápico relatado no discurso - de natureza técnico-científica -, de profissionais da saúde e autoridades dessa comunidade. Com efeito, ao criar esse dicionário, os autores confirmam "a necessidade de pensar uma Terminografia diferenciada para cada povo, para cada cultura, para cada sistema de saberes não pertencentes aos povos ocidentais modernos" (COSTA; GOMES, 2013, p. 269).

Além disso, os autores reconhecem as semelhanças e as diferenças desse dicionário etnoterminológico meio a outras produções terminográficas conhecidas. Nesse sentido, eles se valem da literatura de Cabré, sobre a TCT, e de Pavel e Nolet sobre terminografia, para ampará-los na criação desse dicionário. No entanto, Costa e Gomes (2013) constatam que a sua obra

tem seu próprio caráter, sua própria etnicidade como deveria ser toda obra terminográfica ou lexicográfica. É uma proposta claramente amparada por princípios da Ecolinguística, desde sua concepção de léxico até a compreensão de língua como parte de um território e específica a um povo, a uma etnia (p. 269).

Como os etnotermos compósitos desse dicionário de cuidados e cura Mundurukú concernem a área da saúde e da medicina fitoterápica, os autores ressaltam que a obra "é apenas um registro de um discurso de especialidade pertencente a um povo, marca de uma cultura. Não pretendemos testar ou mesmo validar o valor farmacêutico dos tratamentos [...], ou tão pouco apresentar para a população um manual sobre a saúde" (**idem**). O interesse dos autores reside em atestar se o etnotermo

é empregado no discurso de especialidade, expressa riqueza linguístico-cultural e como ele funciona num discurso de especialidade. O objetivo é registrar linguisticamente o discurso de especialidade e os [etno]termos a ele relacionados e apresentar esse discurso ao povo como parte de seu patrimônio linguístico, cultural, ecológico e étnico de forma sistematizada, valorizando a língua e a cultura Mundurukú (**ibidem**).

Em trabalho posterior, Costa (2017, p. 124-162), desenvolve uma análise etnoterminológica minuciosa dos etnotermos presentes no discurso de especialidade do povo Mundurukú, propondo fichas etnoterminológicas descritivas do uso dessas unidades lexicais.

No que diz respeito aos termos, é possível encontrar uma ampla literatura que sistematiza e ampara o seu uso no âmbito dos discursos de especialidade. Neste trabalho, consideraremos a ficha terminológica como exemplo de um dos produtos terminográficos provável para os

termos. Encontramos, na obra de Cabré (1993) e de Pavel e Nolet (2012)²⁰, instruções para a criação de fichas terminológicas, visando promover o uso apropriado do termo, independentemente da área técnico-científica. Dessa maneira, na criação deste trabalho de pesquisa, partimos do pressuposto de que o termo, juntamente com as suas instruções de criação e de uso, encontra na Terminologia e na terminografia o seu aporte teórico.

Considerações finais

Desenvolver uma abordagem etnoterminológica de universos de discurso, trouxe a necessidade de dedicar uma parte deste trabalho à conceituação das modalidades discursivas e, com efeito, à conceituação do universo de discurso etnoliterário, objeto de estudo da Enoterminologia. Feito isso, foi imprescindível discorrer sobre a unidade mínima de significação dos discursos etnoliterários, o vocábulo-termo, e sobre o seu estatuto plurifuncional nesse universo. Além disso, tratamos do estatuto do *etnotermo* e como essa unidade lexical se encaixa na teoria etnoterminológica, porém, inserida em outra realidade discursiva, o discurso de especialidade de comunidades linguísticas étnicas - no nosso caso, a comunidade mundurukú.

Não obstante, para classificar cada unidade léxica abordada - a saber termo, etnotermo e vocábulo-termo -, foi imprescindível debatemos os aspectos do signo linguístico, de maneira a localizarmos como se dá o processo de codificação e decodificação de um conceito (*conceptualização*). Isso posto, expomos cada processo de criação lexical, segundo Barbosa (2006), objetivando situar as unidades mínimas de significação (vocábulo, termo, etnotermo, vocábulo-termo) presentes no discurso social não literário, literário e etnoliterário.

Poder estudar a Terminologia a partir de um enfoque etnocultural do discurso, foi uma experiência deveras enriquecedora e que julgamos ser, na mesma medida, necessária para os estudos terminológicos atuais. Com efeito, entendemos a Terminologia como uma disciplina científica interdisciplinar, em constante atualização, com a demanda de abarcar as particularidades de múltiplas situações discursivas.

Esperamos que as reflexões epistemológicas propostas nesta pesquisa possam inspirar trabalhos terminográficos mais conscientes das facetas etnoculturais da língua e, também, das linguagens de especialidade. Igualmente, almejamos que esse trabalho possa contribuir, em

²⁰ PAVEL, S.; NOLET, D. Manual de Terminologia (*on-line*). Tradução para o português de Enilde Faulstich, 2012. Disponível em <https://linguisticadocumentaria.files.wordpress.com/2011/03/pavel-terminologia.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2019.

etapas futuras, com estudos relacionados ao multilinguismo e à tradução, bem como estimular a valorização do saber popular.

Referências

- ALMEIDA, G. M. B.; CORREIA, M. Terminologia e *corpus*: relações métodos e recursos. In: VALE, O. A. (Org.). **Avanços da linguística de Corpus no Brasil**. São Paulo, Editora Humanitas, p. 67-94, 2008.
- ANDRADE, M. M. A unidade lexical no discurso etnoliterário. **Cadernos do CNLF**, v. XIV, n. 2, t. 1, p. 408-418, 2010.
- AREAS, E. K. **Curso básico de linguística gerativa**. Editora Contexto, 2013.
- ARRAIS, M. N. L. **O fazer semiótico do conto popular nordestino: intersubjetividade e inconsciente coletivo**. Dissertação (Doutorado em Linguagens e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- BARBOSA, M.A. **Léxico, produção e criatividade**. São Paulo, Editora Plêiade, 1996.
- _____. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 48-51, 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200018&lng=en&nrm=iso. Acesso em 24 de abril de 2019.
- _____. A construção do *conceito* nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não literários. **Acta Semiótica et Lingvistica**, v. 16, n.1, p. 61-95, 2011.
- BARROS, L. A. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, p. 22-26, 2006. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252006000200011&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 4 de junho de 2019.
- CABRÉ, M. T. **La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona, Editorial Antártida/Empuries, 1993.
- COSTA, N.M.P; GOMES, D. M. (Etno)terminologia na (etno)medicina Mundurukú. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**, p. 3412-3423, 2011.
- _____. A Etnoterminologia da língua Mundurukú-Tupí e as contribuições da Ecolinguística. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 252-274, 2013.
- COSTA, N.M.P. **Etnoterminologia na língua Mundurukú (Tupí): sistema de cura e cuidado na voz de pajés, parteiras e puxadores de desmentiduras**. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CARNEIRO, S. M. M. Interdisciplinaridade: um novo paradigma do conhecimento?. **Revista Educar**, Curitiba, n. 10, p. 99-109, 1994. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601994000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 de junho de 2019.

CARVALHO, F. M.; FERREIRA, A. M. A. Da sociolinguística à socioterminologia: definindo conceitos. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (UNEB)**, n. 5, p. 1-19, 2012.

DIKI-KIDIRI, M. **Le vocabulaire scientifique dans les langues africaines. Pour une approche culturelle de la terminologie**. Paris, Karthala, 2008.

FERREIRA, A. M. A. Nos passos de Maria Aparecida Barbosa: reflexões epistemológicas sobre a terminologia no período atual. **Acta Semiótica et Lingvistica**, v. 15, n. 2, 2010.

GAUDIN, F. **Socioterminologie. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles**. Rouen: Publications de Université de Rouen, n. 182, 1993.

HJELMSLEV, L. T. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo, Perspectiva, 2006.

ISO 1087-1 (E/F). **Terminology work – Vocabulary, Part 1: theory and application/Travaux terminologiques – Vocabulaire, Partie 1: théorie et application**. Genève: International Standard Organization (ISO), 2000.

KRIEGER, M. G., FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo, Contexto, 2004.

LATORRE, V. R. D. **Uma abordagem etnoterminológica de Grande Sertão: Veredas**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. D. A dialética entre os extremos: da Terminologia à Enoterminologia. **Caderno Seminal Digital**, v. 19, n. 19, p. 70-94, 2013.

_____. A Enoterminologia no âmbito dos estudos da tradução. **Acta Semiótica et Lingvistica**, v. 21, n.1, p. 86-95, 2017.

PAIS, C. T.; BARBOSA, M. A. Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etno-literários à proposição de uma etno-terminologia. **Matraga**, v. 16, p. 79-100, 2004.

POTTIER, B. **Sémantique générale**. Paris: P.U.F., 1992.

RAUS, R. **La terminologie multilingue: la traduction des termes de l'égalité H/F dans le discours international**. Boeck Supérieur, 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Editora Cultrix, 2006.

SILVA, M. C. F. M. **Traduzir bolos do Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo: etnoterminologia e tradução etnográfica**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.